

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,  
O môço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

Atentem os bons intérpretes para a expressão dêste verso:  
— “E quando a árvore, olhando a pátria serra”. Parece claro que não pode ser aplicada a um vegetal. A desventurada môça, que o poeta transfigurara numa árvore, é que podia olhar para a pátria serra, porque procedia de lá, da serra da Borborema, cujos contornos, em sua vertente oriental, se avistam da várzea do Paraíba, onde fica o engenho Pau d’Arco. Esta era a árvore que possuía a alma do poeta e que caiu aos golpes de machado bronco. A última expressão implica a idéia de violência. Por outro lado, um vegetal não podia servir de empecilho ao pai, que precisava ter uma velhice calma. E quando o poeta compara a môça a um junquilha entre cedros está a mostrar a sua condição humilde. O soneto *A Árvore da Serra* não é para ser entendido ao pé da letra.

A cada passo do *Eu* a gente encontra referências acerbas aos que contribuíram para a extinção do amor do poeta. É possível que Augusto, em sua vida de relações, guardasse mágoa de membros da família. Em *Asa de Corvo* lamenta-se de viver junto a essa asa, como a cinza que vive junto à brasa, como os Goncourts, como os irmãos siameses. Será a asa do urubu que pousou na sua sorte. Não, o urubu do soneto *Budismo Moderno* entra na composição como simples figuração do azar. Mas a asa com que êle faz o soneto acompanha-o de perto durante os doze meses do ano. Há ainda um outro elemento estilístico que merece consideração. Em todo o soneto o poeta fala na primeira pessoa, mas no último verso do primeiro quarteto diz que a asa cobre o telhado de “nossa” própria casa. A palavra “nossa” obriga a reconhecer que a casa tanto é do poeta como da asa.

No poema *Insônia* o poeta se concentra, na solidão da noite, para ouvir a voz da sua amada. Mas do sombrio palco do engenho Pau d’Arco apenas lhe chegam aos ouvidos os gemidos de um espírito noctâmbulo, que passa chorando. Que gemido é êste que o acompanha? Como a voz não lhe fala, lamenta-se de não ser puro, de haver caído no abismo, porque não soube sofrer a ruim paixão da carne.